

Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein

*Phenomenology, organism and life:
an introduction to the work of Kurt Goldstein*

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda²¹⁴

Universidade Federal do Paraná

Ms. Jennifer da Silva Moreira.²¹⁵

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O trabalho de Kurt Goldstein ainda é pouco conhecido no Brasil. Sendo um dos fatores que dificultam o acesso aos seus escritos a ausência de traduções das suas obras para a língua portuguesa. No entanto, sua influência está presente em diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Neurologia, Neuropsicologia, Psicologia e Filosofia. Desse modo, com o intuito de resgatar os fundamentos de conhecimentos e práticas realizadas nos campos influenciados por ele, esse artigo apresenta uma introdução à sua obra. Foram utilizados como base os escritos *The Organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man e Human Nature in the light of psychopathology*. A partir da análise dessas obras foram selecionados três grandes temas a serem explorados: a questão do método para o autor, a teoria do organismo apresentada por ele e a noção de natureza humana presente em seus trabalhos. Por meio dessa retomada da obra do autor, pretende-se apontar para sua “fenomenologia”, além de abrir caminho para novas discussões sobre sua influência.

²¹⁴ E-mail: aholanda@yahoo.com

²¹⁵ E-mail: jennifer.smoreira@yahoo.com.br

PALAVRAS CHAVE

Kurt Goldstein; Organismo; Fenomenologia.

ABSTRACT

Kurt Goldstein's work is still unknown in Brazil, and one of the factors that hinder access to his writings is the absence of translations of his works into Portuguese. However, its influence is present in several areas of knowledge, such as Neurology, Neuropsychology, Psychology and Philosophy. In this way, with the intention of recovering the foundations of knowledge and practices carried out in those fields, this article presents an introduction to his work, based in two of his writings: *The Organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man* and *Human Nature in the light of psychopathology*. From the analysis of these works were selected three major themes to be explored: the question of the method to the author, the theory of the organism and the notion of human nature. Through this resumption of the author's work, it is intended to present his "phenomenology" and to pave the way for new discussions about his influence.

KEYWORDS

Kurt Goldstein; Organism; Phenomenology.

RESUMEN

El trabajo de Kurt Goldstein permanece poco conocido en Brasil, siendo uno de los factores que dificultan el acceso a sus escritos, la ausencia de traducciones de sus obras a la lengua portuguesa. Sin embargo, su influencia está presente en diversas áreas del conocimiento, a ejemplo de la Neurología, Neuropsicología, Psicología y Filosofía. De este modo, con el propósito de recuperar los fundamentos de conocimientos y prácticas realizadas en los campos influenciados por él, este artículo presenta una introducción a su obra. Se utilizaron como base los escritos *The Organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man* y *Human Nature in the light of psychopathology*. A partir del análisis de estas obras se seleccionaron tres grandes temas: la cuestión del método para el autor, la teoría del organismo y la noción de naturaleza humana presente en sus trabajos. Por medio de esta retomada de la obra del autor, se pretende abrir camino para su "fenomenología" y para nuevas discusiones cerca de su influencia.

PALAVRAS CLAVE

Kurt Goldstein; Organismo; Fenomenologia.

INTRODUÇÃO

Os estudos realizados por Kurt Goldstein tiveram repercussões e contribuíram de forma intensa tanto para o desenvolvimento das ciências naturais quanto das ciências do comportamento. Ele buscava compreender a experiência que era vivida por seus pacientes, com o intuito de encontrar novas possibilidades de atuação e, conseqüentemente, de atenuação do sofrimento dessas pessoas. Conforme afirma o próprio autor, a sua maior inclinação era lidar com pessoas e fornecer algum tipo de ajuda para aquelas que sofriam (Goldstein, 1959/1971).

Assim, quando se refere ao modo como empreendeu seu trabalho, Goldstein (1940/1951) declara que, mesmo quando realiza considerações teóricas, a tendência do médico é se encaminhar para a direção da prática. Isso se dá porque o verdadeiro coração de sua atividade é a cura. E, segundo o seu ponto de vista, o caminho que leva para a cura não consistia mais em uma preocupação com fenômenos isolados, uma vez que eles não são essenciais para a doença. O elemento essencial da doença é, na verdade, o choque para a existência do organismo, causado por perturbações no seu funcionamento bem regulado. E, quando a restauração não é mais uma

possibilidade, o objetivo único do médico é auxiliar o seu paciente de modo que ele possa seguir sua vida, apesar dos seus problemas. Para que isso ocorra, é necessário considerar cada sintoma no que diz respeito à sua significância funcional para o paciente. Logo, é preciso que o médico, na condição de profissional, cuja atuação é voltada para a área da saúde, conheça o organismo como um todo, ou seja, que saiba reconhecer, de fato, quem é o seu paciente (passado, presente e projeções para o futuro) e a mudança que o organismo todo sofreu por meio do adoecimento. “O organismo todo, o humano, torna-se o centro de interesse” (GOLDSTEIN, 1940/1951, p. 6).

Outro fator relevante, que diz respeito ao modo como Goldstein conduziu seu trabalho, é o fato de sua obra nos apresentar um posicionamento crítico com relação ao modo como as pesquisas biológicas estavam sendo realizadas. Pois, apesar de estar inserido em um momento histórico em que a tradição propunha o estudo do sistema nervoso por meio da análise das partes que o compõe e da observação de determinadas capacidades dos pacientes de execução de tarefas, ele percebeu que era preciso um outro olhar. Ou seja, uma nova perspectiva que atentasse para outros detalhes e, a partir disso,

fornece abertura para uma compreensão diferenciada dos fenômenos presentes nos casos de lesões cerebrais. Desse modo, corajosamente, Goldstein supera os pressupostos da tradição e trilha um novo caminho, lapidado por ele juntamente com seus colaboradores, ao alcançar uma nova compreensão do funcionamento do organismo, de caráter holístico. Ao definir o que seria essa abordagem holística, o autor declara que se trata de uma observação mais global dos fenômenos, sejam eles normais ou patológicos, levando em conta a atividade do organismo todo (GOLDSTEIN, 1959/1971).

Spiegelberg (1972) destaca Goldstein primeiramente como um biólogo e, depois, um médico, o qual teve importante papel de influência no desenvolvimento da Fenomenologia, principalmente durante sua fase francesa e americana. A prova mais clara disso foi a inclusão do seu trabalho principal sobre o organismo na série de trabalhos fenomenológicos da Biblioteca de Filosofia organizada por Merleau-Ponty e Sartre. Goldstein, mesmo não tendo nunca dito ser um fenomenólogo, em uma de suas autobiografias, publicada em 1966, afirmou ter um pressentimento de que sua interpretação dos pacientes proporcionou resultados similares

aos obtidos pela análise fenomenológica. Em uma conversa entre ele e Spiegelberg, em 1964, declarou nunca ter lido os escritos de Husserl, mas apenas tê-lo escutado uma vez em Frankfurt (SPIEGELBERG, 1972). Cabe ressaltar que Goldstein afirmou que o termo “existência” mostraria, aos seus olhos, um significado diferente do aplicado na psiquiatria existencial. Sua proximidade com personalidades da filosofia – foi amigo pessoal de Max Scheler e de Paul Tillich, além de ser primo de Ernst Cassirer – teve influência na sua relação com esse conjunto de conhecimentos.

Entre os estudiosos da Fenomenologia proposta por Edmund Husserl, que foram leitores dos trabalhos de Goldstein e se apropriaram de suas ideias para o desenvolvimento de suas reflexões estão Aron Gurwitsch, Alfred Schütz e Merleau-Ponty (RIESE, 1968; GOLDSTEIN 1959/1971).

Cabe, aqui, mencionar que em uma recente publicação brasileira voltada para a divulgação de estudos focados na obra de Goldstein, Silva (2015) propõe uma retomada dos estudos acerca do neuropsiquiatria alemão, visto este possuir um amplo alcance teórico no que diz respeito às pesquisas de caráter biológico e antropológico. Além disso, aponta que Goldstein

traz à tona uma nova forma de compreensão da natureza humana, que se dá por meio do estudo da patologia. O trajeto construído e trilhado por esse brilhante neurocientista o levou a uma perspectiva inédita acerca do organismo, cujo destaque se dá por se tratar de uma compreensão dialética acerca das relações entre o organismo e o meio, segundo a qual organismo e mundo se constituem um todo indivisível.

Este artigo tem por objetivo apresentar uma introdução às ideias de Kurt Goldstein, que foram fundamentadas empiricamente na observação e descrição de pacientes com lesões cerebrais, a partir de duas de suas obras principais. A primeira delas, reconhecida como sua obra principal, intitulada - na versão traduzida para a língua inglesa, utilizada para a execução desse trabalho -, *The Organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man*. Esta obra, segundo Murphy (1968), representa a condução de uma ideia até o seu limite. Pois, ao chegar no momento em que teria que decidir se a derivação do todo em partes é possível em algum ponto do organismo, Goldstein optou pela alternativa de que não há partes; há seres vivos, suas funções, seus propósitos e suas modalidades de vida.

Já a outra obra utilizada como referência é o livro *Human Nature in*

the light of psychopathology, escrita com o objetivo de dar continuidade e aprofundar as reflexões apresentadas à primeira mencionada, principalmente no que diz respeito à temática da natureza humana (GOLDSTEIN, 1940/1951). Como relata o cientista:

Em outro livro meu, *A estrutura do organismo*, eu busquei desenvolver a metodologia básica para o estudo do comportamento organísmico, e lá eu fiz uso de fatos obtidos a partir de minha experiência principalmente como ilustrações do método proposto. Aqui, no entanto, o que eu pretendo realizar é uma interpretação sistemática de todos esses fatos com referência à concepção de natureza do homem ²¹⁶ (GOLDSTEIN, 1940/1951, p. VIII).

Ao mencionar o conteúdo apresentado nessa segunda obra, Ernest Cassirer (1944/2012) afirma que, por meio dela, Goldstein apresentou um apanhado geral de suas visões teóricas. Assim, depreende-se que se trata de um escrito que sintetiza noções e conceitos elaborados pelo autor durante os anos anteriores à

²¹⁶ Uma vez que não há traduções das obras de Goldstein para a língua portuguesa, todas as citações presentes nesse artigo foram realizadas por versões dos autores.

publicação desse livro que, diferente do *The Organism*, foi redigido originalmente na língua inglesa, uma vez que, o autor já morava nos Estados Unidos no período em que o trabalho foi escrito.

1. GOLDSTEIN E A QUESTÃO DO MÉTODO

De acordo com Goldstein (1934/1963), o caráter essencial da obra cujo título original, em alemão, é *Der Aufbau des Organismus. Einführung in die Biologie unter besonderer Berücksichtigung der Erfahrungen am kranken Menschen*, consiste na clarificação do problema do método nas pesquisas biológicas e na elucidação dos modos de conceitualização do material empírico. Ora, é isso o que a torna o seu trabalho um diferencial relativo a outros da área:

A singularidade desse livro está na aplicação de um novo método por meio do qual o autor acredita fazer mais justiça à descrição e compreensão do comportamento dos seres vivos normais e patológicos. O livro tem sua origem na busca prática do médico com o objetivo de ajudar pacientes sofrendo de perturbações severas devido a lesões no cérebro (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. v).

Nesse escrito, além de apresentar um método de investigação clínica e a sua aplicação acompanhada de diversos exemplos, Goldstein aborda a forma como ele, a partir desse trabalho de pesquisa, observação e análise, realiza reflexões teóricas sobre o funcionamento do sistema nervoso que fundaram uma teoria do organismo. Goldstein (1934/1963) inicia sua obra comentando uma diferença entre as publicações científicas realizadas antes da elaboração de seu livro. Segundo ele, estudos mais antigos traziam a impressão de que uma lesão no córtex seria, geralmente, seguida da perda de determinadas funções correspondentes ao local lesionado; logo, eles transmitiam a imagem de que determinados centros do cérebro são responsáveis pelo controle de certas funções. No entanto, conforme observa, nas publicações realizadas em anos mais próximos ao da sua obra, percebe que avanços na observação levaram a um novo modo de olhar, uma nova perspectiva sobre o funcionamento do sistema nervoso. Esses estudos mais recentes apontavam para o fato de que, mesmo em casos de danos cerebrais bastante circunscritos, os distúrbios eram escassamente confinados a um tipo único de performance. Nesses casos, notava-se uma

mudança mais ou menos unitária que afetava diferentes campos de forma homogênea expressando-se por meio de diferentes sintomas. Logo, tornava-se aparente que a relação entre as performances mentais, a exemplo da fala que foi o objeto de estudo presente durante toda a sua carreira – lembremos seus clássicos estudos sobre a afasia (Goldstein, 1948) – e áreas definidas do cérebro, constituiria um problema mais complexo que o assumido pela teoria da localização.

Apesar de demarcar essa diferença entre os trabalhos produzidos, Goldstein (1934/1963) deixa bastante claro que tal distinção não se deu devido a uma maior competência de certos pesquisadores em relação aos outros. Ele afirma que tal distinção ocorreu em função de uma mudança de metodologia, a qual possibilitou a emergência de outros fatos. Assim, ele enfatiza que o problema da metodologia tem grande importância para as pesquisas psicopatológicas e biológicas em geral. Além disso, o cientista reflete sobre investigações realizadas a partir de um pressuposto teórico, as quais têm como principal objetivo corroborá-lo, uma vez que essa atitude não aceita bem nem esses novos fatos apreendidos por meio de mudanças metodológicas nem a mudança em si. Ainda, Goldstein (1934/1963) declara que quando o investigador

foca sua atenção apenas em certos fenômenos, ele chega a sintomas isolados. Isso ocorre porque, durante a observação, determinados fenômenos se apresentam de modo mais notável, sendo então primeiramente registrados e causando a impressão de que são fenômenos dominantes. No entanto, um exame imparcial e exaustivo pode revelar que algo que não atraiu muito a atenção no início é de extrema importância para a compreensão da alteração básica estudada. Tendo em mente que o aparecimento dos sintomas depende do método de exame e da importância dessa constatação, o autor propõe três postulados metodológicos, os quais julga serem adequados para pesquisas biológicas em geral. De acordo com ele, o procedimento proposto difere de outros devido ao esforço de registrar todos os fenômenos, evitando uma postura previamente orientada por uma determinada teoria acerca do objeto estudado.

O primeiro postulado metodológico apresentado por Goldstein diz respeito a considerar, inicialmente, todos os fenômenos que o organismo apresenta, sem dar preferência a nenhum deles em especial. Portanto, não se deve atribuir maior ou menor importância a nenhum fenômeno. Apenas sob essas condições a observação realizada será correta. Quanto à determinação de quanto

um certo sintoma, e não outro, é essencial para entender as alterações básicas de uma função, ela deve ser realizada em investigações posteriores. Já o *segundo* postulado consiste na descrição correta dos fenômenos observáveis. Goldstein percebeu que as análises, com frequência, tinham como objetivo somente verificar se o paciente fornecia ou não a resposta correta para uma determinada tarefa. E, de acordo com ele, é preciso realizar análises profundas não apenas dos efeitos, mas também das causas dos efeitos, ou seja, daquilo que levou o paciente a obter fracasso ou êxito. Isso porque, “se nós considerarmos uma reação apenas a partir do ponto de vista da real solução de uma tarefa, nós podemos não reparar o desvio da normalidade que pode não estar evidente na solução” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 23).

Por fim, o *terceiro* dos postulados refere-se ao fato de que nenhum fenômeno deve ser considerado sem referência ao organismo em questão e à situação em que ele aparece. De acordo com o autor, trata-se de um postulado proposto por Hughlings Jackson décadas antes do período em que a obra em questão foi elaborada; no entanto, ele foi completamente negligenciado. Cabe, aqui ressaltar que Canguilhem (1966/2007)

afirma que as contribuições científicas de Jackson devem servir de introdução para as concepções de Goldstein, principalmente no que diz respeito à necessidade de sempre julgar o paciente em relação à situação à qual ele reage e aos instrumentos de ação disponíveis pelo próprio meio. Goldstein ainda declara que o procedimento proposto e executado por ele em suas investigações é primariamente direcionado para o todo e, dentro desse quadro de referência busca realizar a análise do máximo de performances individuais possível. Esse exame deve ser feito até que se chegue ao ponto em que, baseado nos fatos, seja possível desenvolver uma teoria que tornará os fenômenos em questão compreensíveis e que possibilitará a previsão das reações do organismo, inclusive em tarefas ainda não investigadas.

Segundo Luria (1966), o método de Goldstein torna impossível repetir a justaposição de defeitos separados, os quais tradicionalmente eram enumerados sem nenhuma tentativa de encontrar suas fontes comuns. Assim, especulações livres, sem fundamento nos dados clínicos foram excluídas do processo de análise. O método introduzido por ele na Neuropsicologia tinha como característica diferenciar-se tanto da descrição empírica simples dos

dados clínicos, quanto da testagem psicométrica, que por um certo período foi considerada um meio básico na psicologia clínica. Goldstein clarificou o fato de que apenas uma análise neuropsicológica sistemática e profunda dos dados clínicos pode levar o investigador a uma compreensão do sintoma e dos processos psicológicos que se dão em casos de lesões cerebrais locais e os mecanismos fisiológicos presentes na síndrome toda.

2. A ESTRUTURA DO ORGANISMO.

As reflexões acerca do funcionamento do organismo apresentadas por Goldstein (1934/1963) foram realizadas, em grande parte, com base na análise de vários fenômenos normais e patológicos observados em soldados que sofreram lesões cerebrais durante a Primeira Guerra Mundial; esses ferimentos eram muito adequados para estudos, visto que ocorreram em pessoas jovens, com boas condições físicas gerais. Além disso, ao acompanhar tais casos, ele e seus colaboradores tiveram a oportunidade, pouco comum, de observar pacientes por um longo período de tempo em condições ambientais consideradas favoráveis por ele. Convém notar ainda que alguns desses soldados

permaneceram sob os seus cuidados por mais de oito anos. Tais condições foram de significativa importância para que Goldstein pudesse obter uma compreensão melhor do comportamento quando comparada com aquela que é possível ser obtida com pacientes vitimados por lesões cerebrais devido a outros fatores; no entanto, o estudo desses últimos não foi omitido em suas obras e o levou às mesmas conclusões (GOLDSTEIN, 1940/1951).

Goldstein postula que o organismo constitui uma unidade e que deve ser compreendido conforme sua organização qualitativa e seu funcionamento holístico (Goldstein, 1940/1951). Assim, o organismo é abordado por ele a partir de fatos obtidos, sobretudo, via estudos do sistema nervoso, cujo funcionamento presta-se especialmente bem para essa explicação. Pois, o sistema nervoso, assim como o organismo, é um aparato que funciona como um todo, que está sempre em estado de excitação e nunca em repouso. Todas as performances realizadas mediante ele são expressões de mudanças em sua condição de perpétua atividade, causadas por estímulos que chegam até o organismo. Tais mudanças sempre dizem respeito ao sistema inteiro, mas não da mesma maneira

ao longo dele (GOLDSTEIN, 1940/1951).

Goldstein (1940/1951) nos apresenta uma noção importante para que se entenda o funcionamento do organismo normal e, também, do patológico. Trata-se da afirmação de que a vida ordenada é possível apenas por meio da uniformidade; caso contrário, o mundo mudaria constantemente e o organismo também. No entanto, esse não é o caso, já que o mundo parece relativamente constante, por mais que ocorram mudanças nele, e os organismos também permanecem mais ou menos os mesmos. Porém, sabe-se que cada estímulo produz uma mudança no substrato que muda a sua excitabilidade, tendo como resultado um novo estímulo, igual ao anterior, com um efeito diferente. O que faz com que apesar dessa mudança na excitabilidade por meio da estimulação o organismo permaneça quase o mesmo é o processo de *equalização*. Esse processo fixa o limiar e, com isso, cria constância, assegurando um comportamento ordenado bem como a existência do organismo. A equalização demanda o trabalho do todo do organismo. A vida normal é ordenada porque esse processo se dá em relação a todas as tarefas do organismo como um todo; isso não ocorre sob condições experimentais ou patológicas.

Ora, a patologia consiste na destruição de algumas regiões do sistema nervoso. Ela faz com que ele seja dividido em partes e que funções sejam isoladas do resto do organismo. Tal separação pode acontecer em diversas partes do sistema nervoso, de maneira que os diferentes sintomas correspondem ao isolamento de diferentes partes. Assim, a melhor forma de compreender a natureza dos processos em partes é o estudo dos fenômenos encontrados em pessoas doentes. Esses processos isolados dentro do organismo podem ser determinantes para as reações do indivíduo enfermo de um modo anormal. Pois, por mais que fenômenos isolados possam ocorrer na vida normal, caso a estimulação ganhe força anormal ou uma duração anormal que dificulte o processo de equalização, eles são característicos de condições patológicas. E, segundo o autor, levar em consideração as mudanças que ocorrem no isolamento pode ser um modo adaptado para o seu propósito: entender o organismo como um todo.

Goldstein (1934/1963) afirma que a descrição dos déficits presentes nos indivíduos que sofreram lesões cerebrais, quando considerada em relação com as performances que permanecem intactas, fornece uma caracterização e compreensão adequada do

organismo lesionado, a qual será fundamental para a compreensão do funcionamento do organismo normal. Com isso, ele declara que num primeiro momento parecerá, ao pesquisador, que ele está lidando com uma alternância entre performances bem-sucedidas e fracassos. Tal alternância pode ser entendida apenas quando o comportamento total no qual a performance aparece é considerado. O comportamento total pode ser dividido em duas classes básicas objetivamente inteligíveis e, a uma delas correspondem as performances eficazes, e à outra as deficientes. O primeiro tipo de comportamento é intitulado ordenado e o segundo desordenado ou catastrófico. Nas situações ordenadas, as respostas aparentam ser constantes, adequadas ao organismo e às respectivas circunstâncias. Nelas, o indivíduo vivencia uma sensação de espontaneidade, ajustamento com o mundo e satisfação, o curso do comportamento tem uma ordem definida, um padrão total que envolve inteiramente os fatores orgânicos – processos mentais, somáticos e até mesmo físico-químicos –, os quais participam de modo apropriado para a execução da performance em questão, sendo que “esse, de fato, é o critério de uma condição normal do organismo” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 37). Por isso,

comportamento normal e ordenado são sinônimos.

Já as reações catastróficas, além de serem consideradas inadequadas, são desordenadas, inconstantes e perpassadas por choque físico e mental. Em tais situações, o indivíduo se sente privado de liberdade e hesitante. O choque vivenciado por ele afeta tanto ele próprio quanto o mundo ao seu redor e ele se encontra numa situação chamada de angústia. Quando realiza uma reação ordenada, o indivíduo prossegue sem dificuldade ou fadiga, enquanto após uma reação catastrófica a sua capacidade de reação é impedida por um intervalo de tempo. Dessa maneira, ele falha, inclusive, na execução de tarefas que lhe seriam fáceis em outras circunstâncias. O organismo normal e também o doente apresenta uma tendência a manter comportamentos ordenados e a evitar o choque proporcionado por reações catastróficas. Porém, como o comportamento ordenado resulta do fato de que o organismo é confrontado com tarefas com as quais não é capaz de lidar, ele predominará no organismo lesionado.

Ainda sobre o fato de propor uma teoria sobre o funcionamento do organismo a partir da observação de fenômenos que se mostram quando o córtex cerebral

humano é lesionado, Goldstein afirma:

A vida normal é determinada por tantos fatores, sendo esses fatores entrelaçados de várias e complicadas formas, que com muita frequência a reação de um organismo normal mesmo para uma estimulação aparentemente simples é extremamente difícil, algumas vezes quase impossível, de analisar e compreender. Agora, quanto maior for o defeito no organismo, mais simples são as respostas aos estímulos e, assim, mais fácil é compreender. Além disso, o comportamento patológico é particularmente revelador no que diz respeito à organização do comportamento. A destruição de um ou outro substrato do organismo dá origem a várias mudanças no comportamento, mostrando como esses substratos e formas de comportamento são inter-relacionados e fornecendo discernimento sobre a organização do organismo total (GOLDSTEIN, 1940/1951, p. 37-38).

Outro fator mais facilmente compreendido por meio da observação de pessoas doentes são as formas de ajustamento às condições que se modificam, já que, para esse organismo, encontrar um ajustamento para a condição anormal produzida pelo adoecimento se trata de uma questão de ser ou não ser. Em razão

disso, essa é uma oportunidade especialmente boa para a observação das formas e regras do ajustamento (GOLDSTEIN, 1940/1951).

Além disso, Goldstein (1934/1963) afirma que apesar de suas pesquisas serem destinadas a uma explanação sistemática dos eventos que ocorrem no sistema nervoso, os resultados obtidos se mostraram adequados para generalização, com o intuito de chegar a uma teoria do funcionamento do organismo todo. Tal generalização foi considerada possível por ele porque baseada na perspectiva de que o sistema nervoso, tanto nos seres vertebrados quanto nos invertebrados, incluindo o homem, é um sistema no qual os gânglios estão inseridos em vários locais e que se relaciona com o mundo exterior por meio dos órgãos dos sentidos e das partes móveis do corpo. Sendo que esse sistema, em que as excitações ocorrem, representa um aparato que sempre funciona como um todo.

Ao apresentar as conclusões obtidas por meio de seus estudos, Goldstein (1934/1963) faz uma crítica à teoria do reflexo. Ele considera que, por meio de suas análises, pôde perceber o motivo de os resultados de investigações do reflexo não oferecerem fundamentos suficientes para uma teoria do organismo. Pois,

conforme nos explicita Merleau-Ponty (1942/2006), ao querer construir uma representação científica do organismo, a teoria clássica do reflexo passa a decompor tanto a excitação quanto a reação em uma multiplicidade de processos parciais, exteriores uns aos outros, de modo que a resposta é compreendida apenas por meio de correlações preestabelecidas entre determinados órgãos ou sistemas receptores e certos músculos efetores. Como consequência, o funcionamento do sistema nervoso passa a ser visto apenas como o acionamento de um grande número de circuitos autônomos. Nesse caso, o estímulo consiste apenas em uma causa, um antecedente constante e incondicionado de modo que o organismo é passivo, visto que se limita a somente executar aquilo que lhe é prescrito de acordo com o local da excitação e pelos circuitos nervosos que nele se originam.

Os relatos de Goldstein (1934/1963) nos revelam que o reflexo assim definido raramente é observável. No entanto, tanto as investigações do reflexo quanto as observações de pacientes com lesões cerebrais evidenciaram a relação de cada performance individual com o organismo todo, visto que elas trazem à luz a interdependência e reciprocidade das partes. Nessa medida, conforme conduzia investigações

cuidadas e, quanto mais deixava de lado o hábito de observar apenas os fenômenos que, por determinadas razões teóricas ou práticas, aparentavam ser mais importantes, Goldstein verificava que, sempre que uma mudança é induzida em uma região, pode-se observar mudanças que ocorrem simultaneamente em qualquer parte do organismo que se possa testar. Tal constatação, além de sua importância enquanto descoberta científica, fornecia uma confirmação adicional da validade do segundo postulado metodológico proposto por ele (GOLDSTEIN, 1934/1963).

Para explicar os processos que ocorrem no sistema como resultado de um estímulo, Goldstein faz uso da formação figura-fundo, proposta pela Escola de Berlim ou Psicologia da Gestalt, cuja inspiração holística é um dos alicerces sobre os quais ele pensa a sua clínica (MANZI FILHO, 2015). Ora, todo movimento no corpo é acompanhado por mudanças no resto dele, “toda reação é uma ‘reação gestáltica’ do todo na forma de uma configuração figura-fundo” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 224). Logo, quando em resposta a um estímulo, uma determinada parte do campo de percepção se torna proeminente, todo o campo de percepção se altera para auxiliar a percepção adequada. Há uma alteração constante da parte do

organismo que é figura e a que é fundo. Como assevera o cientista: “Sempre que analisamos a estrutura dos atos e performances, nós encontramos a mesma configuração. Por isso, eu estou inclinado a considerar essa configuração da excitação, a *relação figura-fundo*, como a forma básica do sistema nervoso” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 109-110).

Ao se referir à escolha do modelo utilizado por Goldstein para explicar o funcionamento do sistema nervoso e do organismo, Riese (1968), afirma que ao estudar a natureza do funcionamento do sistema nervoso, Goldstein conclui que ela é constituída por mudanças (alternações) constantes que podem ser compreendidas conforme o processo de formação figura-fundo. Essa forma de organização enquanto relação entre figura e fundo foi emprestada, por Goldstein, a partir de experiências visuais, mais especificamente, da clássica figura desenhada por Edgar Rubin para demonstrar esse tipo de alteração. Nessa figura, ora o observador vê um vaso branco em um fundo preto e ora vê duas faces pretas em um fundo branco. Assim, em um período em que o funcionamento do sistema nervoso era compreendido por uma perspectiva estática; em que a existência de centros específicos, sistemas e conexões eram incontestáveis, Goldstein

corajosamente desafiava os conhecimentos e postulados tradicionais na neurologia ao introduzir um novo olhar – dinâmico – para o funcionamento do sistema neuronal.

Perls (1977) declara – de modo exagerado, talvez, mas anunciando sua relevância – que o conceito de organismo como um todo consiste no centro da teoria da Psicologia da Gestalt²¹⁷. E Goldstein, um dos representantes dessa abordagem segundo ele, foi responsável por quebrar o conceito rígido do arco reflexo. Pois, de acordo com Goldstein, tanto os nervos sensoriais quanto os nervos motores se estendem do organismo para o meio e, dessa maneira, o conceito de sensação enquanto um fenômeno mecânico e passivo é substituído pela ideia de que o organismo é ativo e seletivo em seu sentir.

²¹⁷ Convém destacar que o movimento gestaltista foi muito mais amplo e complexo do que a maioria dos livros de história a Psicologia conseguem compilar. Normalmente associada a estudos sobre a experiência perceptual, os seus atores (dentre os quais, Goldstein e Kurt Lewin aparecem de forma relativamente marginal) buscaram desenvolver pesquisas nos mais diversos campos, como linguagem, raciocínio, dentre outros (HOLANDA, 2009; ANDRADE & HOLANDA, 2011).

No que diz respeito às alterações que ocorrem no sistema como resultado de um estímulo, Goldstein (1934/1963) declara que o estado de excitação ocorre tanto nas partes próximas quanto nas partes distantes da área estimulada. A mudança ocorrida nas partes distantes é necessária não apenas para o equilíbrio do organismo, mas também para a execução precisa das performances requeridas; uma vez que, a precisão de uma reação em um ponto no organismo aumenta na medida em que a relação entre o processo nas partes próximas (figura) e o processo no resto do organismo (fundo) for melhor sucedida.

Segundo ele, há uma alternância contínua referente a qual parte do organismo é figura e qual é fundo. Sendo o primeiro plano determinado conforme a tarefa que o organismo precisa completar em um dado momento, logo, sua determinação se opera de acordo com a situação em que o organismo se encontra e com as demandas com as quais ele tem que lidar. As tarefas que o organismo realiza são definidas pelo que Goldstein denomina natureza ou essência do organismo, a qual se atualiza por meio das mudanças ambientais que atuam sobre este. As atualizações da natureza do organismo são expressas por meio das suas performances, pois é

mediante elas que melhor lidamos com as demandas ambientais.

Ao concluir que cada reação individual se relaciona com o organismo em sua totalidade, Goldstein advoga a tese de que as reações excedem os limites fixados pela teoria dos reflexos e que o curso deles é determinado pela condição do resto do organismo. Desse modo, o fator que define uma certa resposta não consiste apenas no local em que o estímulo ocorreu – topografia – e nas propriedades do estímulo. As investigações realizadas por ele mostraram que o efeito padrão do estímulo depende primariamente de sua *significação funcional* para o organismo todo. Para exemplificar esse fato, o autor nos remete a situações em que um indivíduo tolera a dor em prol de um interesse que ele considere maior. Nesses casos, que demonstram o quanto o fator da significância funcional é importante, a defesa do organismo contra um ferimento não é a tarefa mais essencial do momento para as ações do organismo.

3. NATUREZA HUMANA: EXPERIÊNCIAS PSICOPATOLÓGICAS.

Segundo Goldstein (1940/1951), o século XIX tem como característica mais marcante o

aumento expressivo do conhecimento científico em vários campos, obtido por meio do método atomístico – procedimento de dissecação que busca postular leis a partir das partes estudadas. Esse acúmulo de dados proporcionou enriquecimento e refinamento para a organização do mundo e, de certa forma, seguramente, propiciou melhores condições de vida. No entanto, a grande especialização das ciências ocorreu juntamente com uma acentuada desintegração da vida do indivíduo. As experiências vividas, sobretudo na Europa, nas décadas anteriores a 1940 despertaram uma grande dúvida quanto ao caráter da natureza humana. Isso tudo graças ao fato que determinadas qualidades foram proclamadas como virtudes superiores mesmo estando em completa oposição às ideias sociais e morais que constituíram a base da cultura ocidental durante milhares de anos. Desse modo, a natureza do homem se tornou problemática em sua própria essência e, para Goldstein, isso, certamente, afetaria toda a existência da vida humana.

Como consequência dessas transformações, o interesse em fenômenos isolados foi diminuído no período em que Goldstein realizou suas pesquisas, fato esse que significou um certo afastamento dos cientistas em face da abordagem de cunho atomístico-

mecânica. E, por mais que o método atomístico fosse o único procedimento científico legítimo para a obtenção de fatos, outros foram criados. Um deles é o método holístico proposto por Goldstein, por meio do qual ele chegou a certas considerações acerca da natureza humana.

Nesse contexto, ele teoriza que quando um estudante que deseja compreender a natureza humana baseia seus estudos apenas sobre os resultados de uma determinada ciência, ele tem apenas um ponto de partida, já que nunca poderá chegar a respostas corretas para as suas questões a partir do material de um único domínio. E, tal fato foi levado em consideração no uso que o autor fez do material patológico (GOLDSTEIN, 1940/1951). Em seguida, Goldstein se pergunta sobre o perigo envolvido no uso de fenômenos patológicos para a formulação de ideias relativas à natureza humana normal e sobre o porquê da utilização de observações de seres humanos alterados patologicamente. De acordo com ele, é preciso considerar que os fenômenos patológicos são performances modificadas de acordo com determinadas leis e se tornam inteligíveis apenas caso se leve em consideração as mudanças características que a enfermidade produz. E, buscando lidar apenas

com fenômenos compreensíveis, ele escolheu um tipo especial de paciente como base para a sua discussão. Assim, ao invés de optar por pessoas mentalmente enfermas, psicóticos ou neuróticos, ele escolheu outro tipo de paciente que fornecesse material melhor, permitindo melhor observação e melhor compreensão e explanação das modificações do comportamento. Trata-se do paciente com lesão cerebral.

Goldstein (1934/1963) aponta que por meio dos estudos realizados com esses pacientes, ele chegou à conclusão de que a tendência básica presente no organismo doente é utilizar suas capacidades ainda preservadas da melhor maneira possível, de modo a *atualizar*²¹⁸ sua natureza. E, de acordo com ele, o comportamento de seus pacientes pode ser compreendido apenas quando esse aspecto era levado em consideração. No entanto, o autor enfatiza que a vida orgânica

normal é governada por essa mesma regra.

Nós podemos dizer que um organismo é governado pela tendência a atualizar, o máximo possível, suas capacidades individuais, sua “natureza”, no mundo. Essa natureza é aquilo que chamamos de constituição psicossomática e, na medida em que é considerada em uma determinada fase, ela é o padrão individual, o “caráter” que a respectiva constituição obteve no curso da experiência. Essa tendência a *atualizar a “si mesmo”* é o impulso básico, o único impulso pelo qual a vida do organismo é determinada²¹⁹ (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 196).

No organismo doente, essa tendência sofre uma mudança característica. O escopo de vida do paciente é reduzido de duas formas. Primeiro, ele é levado a utilizar suas capacidades preservadas da melhor maneira possível. Segundo, ele é levado a manter um certo estado de vida e não ser perturbado nessa condição. Por isso, a vida doente é “escassa de produtividade, desenvolvimento e progresso e escassa das peculiaridades características da vida orgânica normal, especialmente da vida humana” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 197). Desse modo, com frequência, a lei

²¹⁸ O termo *Actualize*, presente nos escritos de Goldstein, corresponde ao adjetivo *actual* que geralmente é traduzido por “real”. Seu sentido, no entanto, é mais amplo e corresponde a ser “atual” no espaço e no tempo, estar totalmente ali, ser “verdadeiro”, preencher o espaço e o momento que ocupa. *Actualize*, portanto, é sinônimo de atingir tal estado, de “atualizar”.

²¹⁹ Grifo original do autor.

de manutenção do estado existente, a autopreservação, é considerada a lei básica da vida. No entanto, de acordo com Goldstein, tal conclusão é obtida quando o pesquisador toma como ponto de partida experiências realizadas em condições anormais ou experimentais. Pois, a tendência a manter o estado existente é característica em pessoas doente e revela um decaimento da vida, enquanto a tendência da vida normal é direcionada à atividade e ao progresso. Ele afirma que as pessoas doentes têm a manutenção do estado existente como única forma de auto atualização remanescente, mas essa não é a tendência da vida normal, porque quando está sob condições adequadas a vida normal busca a ampliação da atividade. Em algumas circunstâncias, o organismo normal pode tender primariamente a evitar catástrofes, e manter um determinado estado que possibilite isso. Porém, tal fato ocorre sob condições inadequadas, não sendo o comportamento usual, uma vez que sob condições adequadas, o organismo normal procura por novas atividades.

Em seguida, Goldstein (1934/1963) nos explica que o comportamento normal corresponde a uma contínua mudança de tensão, cujo regente é o processo de equalização anteriormente mencionado, e que

assim que o estado de tensão é atingido, ele possibilita e impele o organismo a se atualizar por meio da realização de mais atividades que correspondam à sua natureza. Logo, as várias ações realizadas pelo organismo ocorrem de acordo com as várias capacidades que pertencem à sua natureza e a execução delas se dá conforme os processos instrumentais do organismo, os quais são os pré-requisitos para a sua auto-atualização.

A auto-atualização, segundo o autor, não deve ser considerada um impulso especial, mas uma condição especial do organismo em sua relação com o meio, que corresponde à sua natureza. Portanto, a atualização do organismo diz respeito à adequação de suas capacidades o meio em que vive. O organismo é uma unidade, um todo, que vive em um meio que sofre variações contínuas de estímulos, mesmo quando familiar. Torna-se, então necessário que o organismo realize compensações e adaptações, as quais serão determinadas tanto pelo meio quanto por sua natureza. Assim, Goldstein (1934/1963) assume que há apenas um impulso que mobiliza o organismo, o impulso para a auto-atualização. Ele reconhece que em determinados momentos a tendência de atualizar uma certa potencialidade é tão forte que o organismo é governado por

ela, desse modo uma determinada potencialidade, a exemplo de sexo e poder, pode ser considerada predominante no organismo. Porém, ela não deve ser considerada de maior importância que as outras. Tal julgamento é realizado apenas quando as potencialidades são consideradas fora da vida natural do organismo, na qual elas estão embutidas nas atividades como um todo. “O organismo tem potencialidades definidas e porque ele as tem, ele tem necessidade de atualizá-las ou realizá-las. A realização dessas necessidades representa a autoatualização do organismo” (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 204).

Uma forma especial da autoatualização é a necessidade de completar ações incompletas. Tal tendência explica muitas das atividades realizadas pela criança. Porquanto, em suas inumeráveis repetições, não estamos lidando com um impulso sem sentido para a repetição, mas com a tendência a completar uma ação a chegar na perfeição. A força de uma necessidade é dada na experiência da imperfeição – seja fome, sede ou a experiência de estar capacitado para realizar qualquer performance que pareça estar dentro das capacidades do indivíduo – e o objetivo é a realização da tarefa. Dessa maneira quanto mais próximo o indivíduo, seja ele criança ou adulto, está da perfeição,

maior é a necessidade de realizar performances.

Conforme o caminhar da criança é imperfeito, ela tende a andar e andar, sem outro objetivo além de andar. Depois que o seu caminhar está perfeito, ela usa esse instrumento para atingir um ponto especial que atrair sua atenção, ou seja para completar outra performance, e assim por diante (GOLDSTEIN, 1934/1963, p. 205).

Ao mencionar suas descobertas acerca do funcionamento do organismo, as quais possibilitaram a ele uma melhor compreensão da natureza humana, Goldstein (1959/1971) afirma que um dos motivos das falhas no tratamento de pacientes com lesões cerebrais era a negligência com relação à possibilidade de sintomas aparentemente similares poderem ter origens diferentes. De acordo com o autor, apenas sabendo disso seria possível evitar tratamentos inadequados e obter resultados melhores. Utilizando um novo método de investigação, ele relata ter descoberto que estava lidando com dois tipos diversos de sintomas. Em um grupo, os sintomas ocorriam devido a danos na capacidade abstrata (mudança no comportamento) e, no outro, eles ocorriam em virtude de possíveis danos no comportamento

concreto (danificação das funções da matéria cerebral).

Conforme nota Goldstein (1934/1963), as perturbações caracterizadas pela mudança no comportamento de seus pacientes consistiam no fracasso sempre que era necessário transcender a experiência concreta, imediata. Os pacientes falhavam sempre que precisavam se referir às coisas de modo imaginário. No entanto, quando o resultado poderia ser alcançado por meio de material concreto, palpável, seus desempenhos obtinham sucesso. Por isso, ele caracteriza a deficiência apresentada por seus pacientes como uma falta de domínio do abstrato, inabilidade para se dar conta de seus próprios atos e pensamentos, incapacidade para fazer uma separação entre o eu e o mundo e falta de liberdade. Sendo que todos esses fatos dizem respeito a uma mesma coisa: a falta de uma atitude em direção ao abstrato.

A percepção de concretude por diferentes pacientes não se expressaria necessariamente da mesma forma em uma determinada tarefa. Aquilo que é concreto para um indivíduo pode ser compreendido apenas dentro do quadro de referência desse paciente em particular, levando em consideração sua individualidade pré-mórbida, suas capacidades mudadas devido ao adoecimento e

a situação. Assim, o comportamento concreto pode se expressar de diferentes formas em diferentes pacientes com o mesmo tipo de lesão. Ademais, em performances concretas, a reação é determinada diretamente por um estímulo. O procedimento do indivíduo é, por conseguinte, passivo de certa forma, como se não fosse ele quem teve a iniciativa. Enquanto nas performances abstratas a ação não é determinada direta e imediatamente pela configuração de um estímulo, mas pela situação em que a pessoa se encontra. Nesse caso, a performance se mostra uma forma totalmente diferente do organismo chegar a um acordo com o mundo exterior. Pois, o indivíduo precisa considerar a situação a partir de vários aspectos, selecionar qual deles é essencial e agir de maneira apropriada para o todo da situação. Esse procedimento pode ter vários graus de complexidade (GOLDSTEIN, 1940/1951).

Algumas vezes a situação não demanda nada além de destacar uma propriedade de um objeto, como, por exemplo, quando somos solicitados a ordenar objetos de acordo com as suas cores. No mais alto grau de complexidade nós temos não apenas que apreender objetos por meio de certos tipos característicos mas que escolher aspectos para considerar de

acordo com uma certa tarefa que demanda uma organização conceitual (GOLDSTEIN, 1940/1951, p. 60).

Porém, segundo Goldstein (1940/1951), mesmo na forma mais simples, a abstração é separada do comportamento concreto, não há uma transição gradual de um para o outro. A atitude abstrata não consiste em um grau mais complexo do comportamento concreto, ela é uma atividade do organismo totalmente diferente. E, por esse motivo, declara que não se deve designar ambos como comportamento (comportamento é um termo que conota atividade real e é especialmente adequado para a performance concreta), a abstração representa melhor uma preparação para a atividade, ela envolve uma atitude, uma abordagem interior que leva à atividade. Logo, convém referir-se a ela enquanto uma atitude em direção ao abstrato.

A ação real nunca é abstrata, ela é sempre concreta. Em situações concretas a ação é definida diretamente pelo estímulo; em situações que envolvem o abstrato a ação é iniciada depois da preparação que tem a ver com uma consideração do todo da situação. Tais explicações podem fazer parecer que o comportamento concreto ocorre em completa independência da atitude abstrata, determinado apenas pela situação

externa, mas esse não é o caso. O comportamento normal é caracterizado pela alternância entre uma atitude envolvendo o abstrato e outra envolvendo o concreto. Essa alternância ocorre de modo apropriado à situação, à individualidade e à tarefa para a qual o organismo está voltado. A excitação e o curso normal da ação pressupõem, de alguma forma, a atitude abstrata. A ação raramente ocorre pela situação do estímulo em si. Em geral, o indivíduo tem que se posicionar, pelo menos na imaginação, na situação apropriada. O mundo exterior fornece o impulso e a iniciação de uma ação demanda a atitude abstrata. Da mesma forma, durante um ato concreto, a atitude abstrata nunca é totalmente excluída. A performance concreta é fundamentada na atitude abstrata em sua iniciação e recebe seu controle regulador durante o seu curso.

O desvio característico do comportamento dos pacientes com lesões cerebrais relatado por Goldstein (1940/1951) corresponde a uma mudança no mundo em que o indivíduo vive. Sua incapacidade de realizar performances que demandam uma atitude abstrata significa não apenas uma restrição de sua personalidade, mas também uma restrição do mundo em que ele vive. Além disso, não ocorre apenas a diminuição dos conteúdos de seu

ambiente e a restrição de suas capacidades, há também uma diminuição de sua liberdade de ação. Por isso, avalia que as performances correspondentes ao melhor funcionamento da parte mais complexa do cérebro são as mais importantes, já que elas representam a capacidade mais alta do organismo. Assim, ele infere que o comportamento abstrato representa a mais alta capacidade – na verdade, a capacidade essencial – do ser humano. E, como consequência, a fala é uma das características especiais da natureza humana, visto que está ligada à mais elevada capacidade do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Goldstein foi um neurocientista de destaque na história do conhecimento científico. Durante toda a sua carreira suas ações estavam votadas para a prática. Ele buscou estudar seus pacientes com o intuito de compreender os processos vivenciados por eles e propor uma prática médica que tivesse como centro as necessidades desses indivíduos. Seus escritos são extremamente ricos e forneceram as bases para o desenvolvimento de diversos campos, a exemplo da Neurologia (SACKS, 1995), Neuropsicologia (LURIA, 1966), Psicologia (LOFFREDO, 1994;

PERLS, 1979; Moreira, 2010) e Filosofia (SPIEGELBERG, 1972; NOPPENY, 2001). Retornar às suas obras, conhecer o desenvolvimento de seu trabalho e os conceitos apresentados por ele nos possibilita acessar o pensamento que influenciou pensadores da sua geração e as subsequentes, além de fornecer subsídios epistemológicos para um conjunto de práticas clínicas e psicoterápicas.

Esse artigo foi escrito com o objetivo de realizar uma introdução de seu pensamento – de sua “fenomenologia” – considerando a ausência de traduções de seus livros para a língua portuguesa e a escassez de trabalhos produzidos no país voltados para o estudo de suas ideias. Para isso, duas de suas obras, consideradas por estudiosos, a exemplo de Kahlmeyer-Mertens (2015), como seus trabalhos principais foram tomadas como referência. A partir disso, elementos considerados característicos de seus escritos foram apresentados com a pretensão de ampliar o acesso às suas ideias e, de alguma forma, promover uma retomada de seu trabalho. Desse modo, concordamos com Sacks (1995, p. 14):

Muito do que Goldstein registrou, ponderou e descreveu para nós com cuidado minucioso

e detalhadamente reside no verdadeiro coração da Medicina e da Neurologia e pode, talvez, ser entendido agora – pelo menos reaplicado e reconciliado – com as ferramentas mais poderosas e com os conceitos do nosso tempo. Portanto, é apropriado reviver a observação e os pensamentos desse homem notável, que viu e descreveu tanto em seu próprio tempo para ver quais ressonâncias suas ideias teriam para nós agora.

REFERÊNCIAS

- ADRIÁN ESCUDERO, J. *Guía de lectura de Ser y tiempo de Martin Heidegger* (vol. 1). Barcelona: Herder, 2015.
- ANDRADE, C. C. & HOLANDA, A. F. *Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo e Gestalt-Terapia*. In: Leticia Azzolin Becker. (Org.). *Psicologia para Concursos e Graduação* (p. 237-256). Rio de Janeiro: Campus Concursos, 2011.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 (Original em 1966).
- CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2012 (Original em 1944).
- GOLDSTEIN, K. *Language and language disturbances aphasic symptom complexes and their significance for medicine and theory of language*. New York: Grune & Stratton, 1948.
- GOLDSTEIN, K. *Human Nature in the light of psychopathology*. Cambridge: Harvard University Press, 1951. (Original em 1940).
- GOLDSTEIN, K. *The organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man*. Boston: Beacon Press, 1963 (Original em 1934).
- GOLDSTEIN, K. *Notes on the development of my concepts*. In: A. Gurwitsch, E. Haudek, & W. Haudek (Orgs.), *Kurt Goldstein: selected papers/Ausgewählte Schreften* (pp. 1-12). Netherlands: Martinus Nijhoff/ The Hague, 1971 (Original em 1959).
- HOLANDA, A. F. *Princípios da Gestalt e a Teoria da Forma*. In: Carlos Tourinho; Renato Sampaio. (Org.). *Estudos em Psicologia. Uma Introdução* (p. 57-82). Rio de Janeiro: Proclama, 2009.
- KAHLMAYER-MERTENS R. S. *Influxos filosóficos na “patoantropologia” de Kurt Goldstein*. In: SILVA, C. A. F. (Org). *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia*. (p. 109-128). Cascavel, PR: Edunioeste, 2015.
- LOFFREDO, A. M. *A cara e o rosto: ensaio sobre Gestalt-Terapia*. São Paulo: Escuta, 1994.
- LURIA A. R. Kurt Goldstein and Neuropsychology. *Neuropsychologia*, (4), 311-313, 1966.
- MANZI FILHO, R. *Uma euforia sem rigor? O que seria uma patologia, para Goldstein?* In: SILVA, C. A. F. (Org). *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia*. (p. 67-87). Cascavel, PR: Edunioeste, 2015.
- MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes. 2006 (Original em 1942).
- MOREIRA, V. *Convergências e divergências entre as psicoterapias de Carl Rogers e Frederick Perls*. *Revista do NUFEN*, 2(1), 20-50, 2010.
- MURPHY, G. *Personal impressions of Kurt Goldstein*. Em Simmel, M. L. (Org). *The reach of mind: Essays in memory of Kurt Goldstein* (p. 31-34). Nova York: Springer Publishing Company, 1968.
- NOPPENEY, U. *Kurt Goldstein – a philosophical scientist*. *Journal of history of neurosciences*, 10(1), 67-78, 2001.

PERLS, F. S. *Teoria e técnica de integração da personalidade*. In: STEVENS, J. O. (Org). *Isto é Gestalt* (p. 69-98). São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. S. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979.

RIESE, W. *Kurt Goldstein – the man and his work*. In: SIMMEL, M. L. (Org). *The reach of mind: Essays in memory of Kurt Goldstein* (p. 17-29). Nova York: Springer Publishing Company, 1968.

SACKS, O. *Foreword*. In: GOLDSTEIN, K. *The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man*. (p. 7-14). Nova York: Zone Books, 1995.

SILVA, C. A. F. (Org). *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2015.

SPIEGELBERG, H. *Phenomenology in psychology and psychiatry: A historical introduction*. Northwestern University Press, 1972.

Submetido: 29 de agosto 2017

Aceito: 05 de setembro 2017